



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

**HYORRANE DOS SANTOS SILVA NASCIMENTO**

**FORMAÇÃO DOCENTE EM FILOSOFIA, ENTRE OBSERVAÇÕES E REGÊNCIAS  
NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

HYORRANE DOS SANTOS SILVA NASCIMENTO

**FORMAÇÃO DOCENTE EM FILOSOFIA, ENTRE OBSERVAÇÕES E REGÊNCIAS  
NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Filosofia.

**Área de concentração:** Ensino de Filosofia

**Orientador:** Prof. Dr. Valmir Pereira.

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244f Nascimento, Hyorrane dos Santos Silva.  
Formação docente em filosofia, entre observações e regências no estágio supervisionado [manuscrito] / Hyorrane dos Santos Silva Nascimento. - 2022.  
20 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.  
"Orientação : Prof. Dr. Valmir Pereira, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."  
1. Filosofia. 2. Estágio supervisionado. 3. Ensino. I. Título  
21. ed. CDD 100

HYORRANE DOS SANTOS SILVA NASCIMENTO

**FORMAÇÃO DOCENTE EM FILOSOFIA, ENTRE OBSERVAÇÕES E  
REGÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Área de concentração: Ensino de Filosofia.

Aprovada em: 31/03/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 VALMIR PEREIRA  
Data: 02/04/2022 12:06:48-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

---

Prof. Dr. Valmir Pereira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Gilmara Coutinho Pereira*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gilmara Coutinho Pereira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*LSilva*

---

Prof. Dr. Luciano da Silva  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Aos meus pais Jorge e Rosália, meus irmãos Emerson e Yaristza, meu filho Arlem e meus sobrinhos Ryanne e Raynne, por todo amor, carinho e dedicação e por sonharem junto comigo esse sonho, DEDICO.

Ao professor Dr. Valmir Pereira pela orientação e pela dedicação durante a elaboração deste artigo para conclusão de curso. A todos os professores da UEPB, que colaboraram com a minha formação acadêmica.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o  
que ensina.”  
Cora Coralina.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	7
2	OS SABERES DOCENTES E FILOSÓFICOS DO CURSO DE FILOSOFIA.....	8
3	AS OBSERVAÇÕES E PREOCUPAÇÕES DE UMA ESTAGIÁRIA DE FILOSOFIA.....	9
4	MINHA EXPERIÊNCIA DOCENTE NA REGÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO .....	10
5	O QUE FICOU DE POSITIVO DO ESTÁGIO E O QUE LEVAREI PARA A VIDA DE PROFESSORA.....	11
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	12
7	REFERÊNCIAS .....	14

## **FORMAÇÃO DOCENTE EM FILOSOFIA, ENTRE OBSERVAÇÕES E REGÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

### **TEACHER TRAINING IN PHILOSOPHY, BETWEEN OBSERVATIONS AND REGENCIES IN THE SUPERVISED INTERNSHIP**

Hyorrane dos Santos Silva Nascimento

#### **RESUMO**

Neste artigo, visamos demonstrar de forma clara e objetiva a experiência vivenciada durante o período de estágio I, II e III, aplicados na escola EEEFM Izabel Rodrigues de Melo, com a supervisão do professor de Filosofia, José Glaubo Batista da Rocha, abordando a importância do ensino de filosofia tanto para a formação do professor quanto para os alunos, bem como as dificuldades encontradas durante esse processo. Para isso foi necessário, a apropriação dos conhecimentos necessários, bem como da prática pedagógica que foram aprendidas na universidade com a orientação dos professores para posteriormente serem colocadas em prática durante o estágio na escola. Nesse sentido, abordamos a importância do ensino de filosofia nas escolas públicas para formação de opinião crítica acerca de diversos temas, inclusive sobre o nada, para que assim os alunos possam dialogar e debater diversos temas, tanto do passado quanto da atualidade, haja vista que se faz necessário um constante aperfeiçoamento do conhecimento adquiridos.

**Palavras-chave:** Filosofia. Estágio. Ensino.

#### **ABSTRACT**

In this article, we aim to demonstrate in a clear and objective way the experience lived during the internship period I, II and III, applied at the EEEFM Izabel Rodrigues de Melo school, with the supervision of professor José Glaubo Batista da Rocha, addressing the importance of teaching philosophy for both teacher training and students, as well as the difficulties encountered during this process. For this, it was necessary in advance to acquire the necessary knowledge, as well as the pedagogical practice that were learned within the university with the guidance of teachers to later be put into practice during the internship at school. Addressing the importance of teaching philosophy in public schools for the formation of critical opinion on various topics, including the anything, so that students can dialogue and debate on the most diverse topics both from the past and the present, given that constant improvement of the knowledge already acquired is necessary.

**Keywords:** Phylosophy. Internship. Teaching.

## 1 INTRODUÇÃO

Tive uma infância normal, como a maioria das crianças, e encantada pela leitura. Sempre que podia tinha acesso a um novo livro na biblioteca da escola que estudava, pois gostava e ainda gosto de ler muito e tinha verdadeira paixão pela leitura e uma profunda admiração pelas aulas e pelos professores. Naquela fase da vida, gostava de brincar com minhas primas de escola, onde meu papel na brincadeira era o de professora. Entretanto, de acordo com a minha realidade no momento, a visão que eu tinha de um professor era aquele que ministrava aulas abordando um pouco de cada assunto. Foi a partir do momento em que entrei no ensino fundamental II, na época ainda denominada quinta série, que tive contato com uma nova realidade onde havia um professor para cada disciplina. Foi a partir de então que comecei a ter contato com outra realidade, com outras disciplinas em que cada docente era uma espécie de especialista no assunto. Independente da nova realidade, continuava com a paixão pela leitura, tendo contato com outros livros, inicialmente acreditando tratar-se de literatura, haja visto que não tinha contato com a filosofia, nem ao menos tinha a real noção de sua existência. E foi aí que tive acesso a alguns pensadores que até então desconhecia, mas que me despertaram o encantamento e a curiosidade em aprender mais sobre esses e outros pensadores; No entanto, foi Ensino Médio, com acesso aos livros e as obras de filosofia, que tive a certeza que o meu desejo era fazer uma licenciatura e transformar a brincadeira de criança em realidade, pois eu gosto desse ambiente escolar onde se pode ensinar e também aprender todos os dias algo novo. É nesse ambiente pedagógico em que podemos conviver diariamente com várias pessoas e de realidades diferentes. E isso é muito rico, pois além de aprender algo novo, podemos aperfeiçoar algo que já sabíamos, ampliando nosso leque de conhecimentos. Terminado o Ensino Básico, me organizei para ingressar no Ensino Superior em Filosofia, com o objetivo de ser professora. Os primeiros anos da Licenciatura foram um misto de encantamento e também de algumas preocupações com as obras lidas e as perspectivas possíveis de atuação docente, devido à baixa carga horária na Educação Básica. Era a leitura de outra realidade que até então não havia percebido. Depois de cursar as disciplinas básicas e pedagógicas, chegou o momento de retornar ao Ensino Médio, na condição de estagiária. O Estágio foi dividido em três momentos distintos, sendo o primeiro de Observação e os outros dois de regência de classe. No momento de observar as aulas de um professor e fazer as devidas anotações de campo, algumas noções chegam a nossa mente, como: isso é bom e aquilo jamais farei em minhas aulas. Afinal, no próximo semestre eu deixaria as observações e ingressaria na sala como regente daquela turma, no processo de aula, testando as teorias da Universidade e o chão da Escola. E foi nesse momento de estágio supervisionado que tive a oportunidade de pôr em prática aquele desejo que existia em mim desde criança, o que foi ensinado na Universidade e a diversidade de uma sala de aula do Ensino Médio, adquirindo a experiência como docente. E foi nesse contexto que iniciei meu estágio supervisionado na disciplina de filosofia no Ensino Médio, em suas três etapas.

Vale aqui destacar que esse estudo é resultado do meu processo de Estágio Supervisionado, realizados na escola EEEFM Izabel Rodrigues de Melo, situada no distrito de Galante. Em contato com o Diretor da Escola, fui apresentada ao professor de Filosofia, José Glaubo Batista da Rocha. Posteriormente, fui com o professor para conhecer as turmas em que faria os estágios. Nesse primeiro contato, a recepção foi muito boa. A escola está inserida em uma comunidade rural, com moradores voltados para a vida do campo, possuindo em suas dependências: biblioteca, laboratórios, rádio escolar, futebol, futsal, feiras e projetos científicos. Além disso possui regras

para promover respeito mútuo e clima de harmonia, em que os alunos, em sua maioria, são comportados e atenciosos. É nesse contexto físico e peculiar que ocorreu o que passo a escrever e descrever o vivido, observado e regido.

### **Os saberes docentes e filosóficos do Curso de Filosofia**

Durante os primeiros períodos do Curso de Filosofia, na Universidade Estadual da Paraíba, temos contato com diferentes concepções de Educação e de Ensino. É nessa etapa que entendemos a importância da filosofia e sobretudo o que ela é. Aprendemos que o termo filosofia significa amor à sabedoria, experimentada apenas por pessoas conscientes de sua própria ignorância, consistindo no estudo de problemas relacionados à existência, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais e éticos, dentre tantas outras possibilidades do pensar. Assim, a filosofia foca questões da existência humana, mas diferentemente da religião, não é baseada na fé, e sim na razão. Ela pode ser definida como a análise racional do significado da existência humana, com base na compreensão do ser, e com ela o processo de aprendizagem passa a adquirir um efeito reflexivo. Segundo Aristóteles (384-322 a.C.), o conhecimento pode ser dividido em três categorias sendo Conhecimento teórico (matemática, metafísica, psicologia), prático (política e ética) e poético (poética e economia). A filosofia não se baseia em métodos ou observações, mas no pensamento, através de perguntas e na busca de argumentos para explicar os mais diversos questionamentos e tudo que se passa em nossa mente. Contudo, não é exata, pois trata de pensamentos e ideias. E serve para entender por que as coisas mudam, o que é a vida, como agir corretamente, o que é a justiça, o que é o belo, e assim por diante. Ela nos leva a refletir, a questionar, debater e oferecer soluções para os mais diversos assuntos e problemas, fazendo com que compreendamos conceitos distintos que usamos no nosso dia a dia, tanto na política, na religião quanto em outras áreas. Não se pode negar que as correntes filosóficas, deram contribuições muito valiosas na construção da educação e que a filosofia é importante para o ensino, pois, é extremamente necessário que haja diálogo na sala de aula, para um bom crescimento intelectual e humano. Assim, a Filosofia e a Educação caminham juntas e dentro das escolas desempenham um papel importantíssimo, pois levam o aluno a desenvolver um pensamento independente e crítico, a conhecerem melhor a si mesmos e a sociedade em que vivem, despertando a autonomia do pensar, agir e se comportar, proporcionando a prática de análise, reflexão e crítica em benefício do encontro do conhecimento do mundo e do homem, tornando-os cidadãos capacitados para enfrentar as diversas situações que poderão surgir em suas vidas. A filosofia não deve ser vista como mais uma disciplina a ser ofertada nas escolas, deve ser valorizada e respeitada, pois a filosofia também nos torna capazes de raciocinar de forma acentuadamente crítica. Ou seja, um aluno que não tem a oportunidade de conhecer a filosofia pode tornar-se um ser alienado, sendo ludibriado pela sociedade que o cerca. Para o aluno, que está numa evolução de conhecimento e de aprendizagem, a Filosofia estimula ou deveria estimular o pensamento, o estudo e o relacionamento humano. Nesse sentido, dentro da Educação, a filosofia não é importante apenas para o aluno, mas também é importante para a formação do professor, principalmente através da Filosofia da Educação, adentrando em filosofias atuais e proporcionando ao mestre qualidade no seu desempenho enquanto professor. Aprendemos também que é essencial que o aluno na sala de aula experimente a Filosofia, para que ele chegue a uma autorreflexão, seja argumentativo e crítico em relação a sociedade, abrindo os olhos e enxergando uma nova realidade. As teorias pedagógicas, as Políticas Educacionais e as concepções de Ensino e de Aprendizagem que estudamos na Universidade

parecem falar de uma outra realidade, de uma escola sem problemas, onde tudo parece funcionar muito bem. O lugar apresentado é quase perfeito, até a gente chegar para fazer o estágio.

### **As Observações e Preocupações de uma Estagiária de Filosofia**

Depois desta breve apresentação e reflexão sobre o Curso de Filosofia, seus conteúdos de ensino e suas abordagens epistemológicas, chegou o momento de ir a campo e fazer o Estágio Supervisionado, conferindo se na prática a teoria se sustenta. E foi assim que comecei a tentar entender a realidade a partir do saber apropriado na Universidade. O ano é 2018 e sigo para a Escola com o objetivo de iniciar o Estágio Supervisionado. Embora esteja com um certo grau de preocupação, trata-se de apenas observar, lembrar e tirar algumas conclusões possíveis sobre procedimentos pedagógicos, didáticos e metodológicos de uma aula de Filosofia. Mas as preocupações com a nova experiência são constantes. As observações foram feitas em turmas do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio. Em cada turma que chegávamos pela primeira vez, o professor nos apresentava como estagiária, explicando que sou aluna do Curso de Filosofia da UEPB, destacando a importância do estágio de observação em Filosofia. Depois da apresentação, a gente procura um espaço vago e estratégico para observar a turma e o processo da aula e seu desenvolvimento. O professor, em seguida, inicia a aula abordando um tema do livro, fazendo uma exposição geral, com algumas palavras destacadas no quadro. O texto guia é o livro didático *Filosofando: Introdução à Filosofia*, de Aranha e Arruda (2015). Embora o livro exista, mas nem sempre todos trazem para a aula. A aula expositiva ocorre nas três séries. Embora exista uma busca de diálogo da parte docente, o silêncio ocupa esse espaço na maioria das vezes, o que leva o professor a continuidade de seu monólogo. Assim, as aulas chegam ao seu final, interrompidas por um sinal, informando que é o momento da partida para outra sala. Na outra sala, o ritual se repete, as vezes com o mesmo tema, quando é a mesma série, ou tema distinto, para as outras séries. Entre tantos monólogos docentes, as vezes um ou outro estudante questionam certos aspectos do assunto, quando encontram uma aproximação com seu cotidiano ou algo que ele saiba. Na maioria das aulas, uma questão sempre é passada para ser debatida e posteriormente respondida, na sala ou em casa. De maneira geral, essa é a estrutura das aulas observadas. Nessa oportunidade, pude observar que temas com historicidade distante da realidade dos estudantes, trazem menos interesse que as temáticas atuais. Isso foi possível perceber no terceiro ano, quando foi abordado o tema *Trabalho e Lazer*. A turma está se preparando para o ENEM ou para o mercado de trabalho. Mais que saber que o trabalho é uma categoria fundante do mundo dos Homens (LESSA, 2002), a questão do desemprego tomou conta do debate, levando o professor a buscar respostas que sinalizaram que o desemprego não é natural, mas sim conjuntural. Ou seja, ele é parte da estrutura da sociedade contemporânea, inerente a forma como o capitalismo organiza as relações de trabalho. Assim, fica evidente que a filosofia tem um amplo espaço quando se dedica a transformar em problema filosófico as questões cotidianas. Com o passar do tempo, a gente vai percebendo as diferenças entre as turmas, podendo ser por maturidade ou por conhecimentos filosóficos. Isso fica evidente quando se trata de turmas da 1ª Série, tendo o primeiro contato com a filosofia, seus conceitos, suas histórias, temas e contextos. Uma vez ou outra alguém relaciona o conteúdo com outro componente, como história e literatura, ou mesmo com o cotidiano. As turmas das 2ª séries, com um domínio maior de vocabulário filosófico e de conceitos, estabelecem as relações entre conhecimentos com mais facilidade. Mas nada que vislumbre elaborações e argumentos que se destacam. Já

o 3º ano tem uma apropriação maior, demonstrando uma certa eloquência sobre diferentes temáticas e algumas relações possíveis com certa consistência nos argumentos. Uma das coisas observadas que mais me marcou, foi vivenciar em sala de aula, como futura profissional da educação, situações que jamais poderíamos ver de fora, tais como as dificuldades vividas por alunos que para poderem estudar, muitas vezes eram obrigados a abandonar a escola para trabalhar e ajudar seus pais. Em outros casos, aqueles que conseguiam se manter, algumas vezes não tinham dinheiro para o transporte, escolhiam entre ir a pé ou faltar às aulas. Constatamos também as dificuldades que o professor tinha para dar aula, pois não havia livro didático disponível em quantidade para todos os alunos. Observando o modelo pedagógico adotado nas aulas observadas, uma enorme preocupação tomou conta de mim. Vendo a pouca ou nenhuma participação nas aulas das séries iniciais, passei a me perguntar se esse fenômeno é decorrente da metodologia da aula expositiva, da idade dos estudantes, dos temas abordados ou se a causa é o professor. Eu me vi no lugar dele e comecei a pensar nas minhas regências no próximo semestre.

### **Minha experiência Docente na Regência do Estágio Supervisionado**

Os dias que antecederam as minhas primeiras aulas como regente das turmas foram de planejamento pedagógico, metodológico e também de preocupações com meu desempenho e a recepção dos alunos. Mas como sabia que o professor estaria presente, fiquei tranquila. No dia seguinte, acordei mais cedo e me preparei para a aula. Ao chegar na Escola e perceber que o professor estava presente, senti naquele momento que daria tudo certo. O sinal bateu e fomos para a sala de aula. O professor me apresentou como estagiária aos alunos, informando que naquele dia ela seria a professora. Logo após, iniciei a aula abordando o tema: Teoria do conhecimento, utilizando recursos como: quadro branco, lápis e o livro didático: *Filosofando: Introdução à Filosofia*. Como já sabíamos, a quantidade de livros não era suficiente para todos os alunos, por isso eles acabam fazendo duplas em todas as aulas para acompanhar o desenvolvimento da aula. Os alunos se mostraram atentos, dedicados e abertos à reflexão, de forma que o conteúdo foi bem aceito pela turma. Terminada a aula, senti que tinha passado no teste, no meu batismo pedagógico. No dia seguinte, me apresentei para nova aula, em outra turma, abordando o tema: Filosofia pré-socrática. Utilizei o livro didático da escola e o livro *Iniciação a filosofia*, de Marilena Chauí, como recursos pedagógicos. Falamos um pouco sobre os filósofos Heráclito e o devir e sobre Parmênides e o ser imóvel. Os alunos se mantiveram comportados e atentos, algo que o professor já havia mencionado ser típico das turmas do horário da manhã. Até aquele momento estava tudo bem, com aulas no primeiro ano do Ensino Médio. Minha terceira aula foi abordando o tema Sofistas: a arte de argumentar. O procedimento adotado foi a leitura referente ao conteúdo no próprio livro didático da escola que tratava dos principais sofistas, mas focando em Protágoras (490-415 a. C.) e Górgias (485-380 a. C.). Posteriormente solicitei para que eles fizessem em uma folha separada um resumo do que acabaram de ler e ao término da aula a atividade foi entregue ao professor que informou que iria contar pontos para auxiliar nas notas. Percebi naquele momento que já estava ministrando as aulas e ao mesmo tempo criando condições para reflexão e registro, em conformidade com o ensinado na graduação. Nas turmas do período matutino as relações pedagógicas foram bem tranquilas e promissoras. A cada aula fui me fortalecendo e sentindo que estava ali nascendo uma docente em filosofia. Utilizando os mesmos recursos didáticos e metodológicos fui para a sala do 2º ano do Ensino Médio, no período da tarde. Depois de apresentada pelo professor, iniciei o tema as mudanças na modernidade. Como já conhecia a turma, foi bem tranquilo e a aula fluiu, pois a turma é pequena e bem-

comportada. Minha segunda aula nessa turma, tratando do racionalismo cartesiano e a dúvida metódica, por meio do livro didático da escola, embora estivessem bem atentos, parece que a temática não produzia efeitos que fossem percebidos como interessante. Em situações como estas, sempre existe o sinal para nos salvar e saber que sempre precisamos planejar a aula também para o improvável. Envolver os alunos no tema central da aula, fui percebendo que não era uma tarefa muito fácil. O alerta acendeu para mim. Minha terceira aula com essa turma da tarde foi a partir do tema Empirismo Britânico, seus representantes e principais conceitos. A turma pareceu mais distante ainda. Pensei que a metodologia pudesse ser inadequada e tentei dialogar com a turma, por meio de questões debatidas ali mesmo, na roda de conversa. Mas a aula estava no final e terminamos com a sensação de que algo em mim acendeu a preocupação. Mais tarde, refletindo sobre o ocorrido e buscando possíveis soluções, percebi um certo encadeamento de assuntos naquela turma, que talvez fosse o real problema. Estávamos tratando de questões da modernidade, mas mesmo assim, parecia muito distante daquela realidade em que a escola e sua comunidade rural está inserida, com as questões econômicas e sociais impactantes. E fiquei pensando o que o empirismo inglês tem a dizer para quem abandona a escola para não passar fome e vai trabalhar para ajudar a família com o reforço no orçamento doméstico? Fui buscar novas metodologias para a próxima aula. Depois de abordar o tema Idealismo Alemão em suas linhas gerais, organizei a sala em 3 grupos com o objetivo de colocá-los em diálogo com o texto e com eles mesmos. Havia uma questão aberta para responderem e ao mesmo tempo eles deveriam elaborar uma questão para o idealismo responder. A movimentação foi grande e o entusiasmo foi muito bom. Colocou a sala em movimento, assim como o pensamento, a reflexão e ali, naquele momento eu pude perceber o que tanto falavam em algumas aulas na universidade, o tal do ensinar a filosofar. Dos processos das aulas nestas séries iniciados em 2018 e finalizados em 2019, colhi bons frutos e uma experiência rica, ao perceber que situações tranquilas nas salas não expressam filosofar. Podem ser apenas alunos bem-comportados e nada mais. O tensionamento, o conflito no campo das ideias, nos colocam na perspectiva do filosofar. Alunos inquietos filosoficamente, podem ser muito interessantes e desafiantes diante dessa realidade social excludente em diferentes sentidos, pois,

### **O que ficou de positivo do Estágio e o que levarei para a vida de Professora**

Durante todo o período em que cursei as disciplinas pedagógicas dentro da universidade, agregado a toda a experiência vivenciada durante o estágio supervisionado, notei que enquanto professora de filosofia há necessidade de uma autoavaliação constante dos conhecimentos obtidos, atualização e aperfeiçoamento desses conhecimentos. Durante as aulas é de extrema importância que o professor esteja atualizado dos fatos, acontecimentos e cursos atuais, para que assim seja possível que o professor possa, junto aos alunos, promover reflexões, produzir textos filosóficos, participar de atividades acadêmicas sobre filosofia, visando aperfeiçoar seus conhecimentos acadêmicos. É fato que a filosofia nos proporciona uma experiência diferente a cada dia, dando ao professor e ao aluno todo o necessário para gerar debates entre eles, haja vista que o professor mesmo recebendo previamente o material e o cronograma a ser seguido, tem toda a autonomia de escolher outros materiais que ele julgue pertinentes a aula. Assim, a filosofia aborda sobre todos os temas, inclusive o nada, por isso tem toda a relação com a educação.

[...] Desse ponto de vista, a educação tem a ver com o talvez de uma vida que nunca podemos possuir, com o talvez de um tempo no qual nunca poderemos permanecer, com o talvez de uma palavra que nunca

compreenderemos, com o talvez de um pensamento que nunca poderemos pensar, com o talvez de um homem que não será um de nós. Mas que, ao mesmo tempo, para que sua possibilidade surja, talvez, do interior do impossível, precisam de nossa vida, de nosso tempo, de nossas palavras, de nossos pensamentos e de nossa humanidade (Larrosa, 2001, p. 289)

É importante ressaltar, porém que, percebi e acredito que o professor deve ensinar e dar aos alunos os meios e oportunidades para que eles consigam desenvolver suas próprias capacidades filosóficas, estimulando sua inteligência através dos conteúdos, atividades e orientações que ele faz uso em sala de aula. Desse modo, como é pressuposto, o professor possui o conhecimento e a prática filosófica porque ele já estudou e conhece a filosofia e sem a orientação do professor, torna-se mais difícil para os alunos conseguirem o conhecimento filosófico, como diz o autor Rancière, na obra em que traz a discussão, o ensinamento universal de Monsieur Jacotot, onde ele vai dizer que o aluno não pode submeter sua inteligência ao professor.

[...] no ato de ensinar e de aprender há duas vontades e duas inteligências. Chamar-se-á embrutecimento à sua coincidência. Na situação experimental criada por Jacotot, o aluno estava ligado a uma vontade, a de Jacotot, e a uma inteligência, a do livro, inteiramente distintas. Chamar-se-á emancipação à diferença conhecida e mantida entre as duas relações, o ato de uma inteligência que não obedece senão a ela mesma, ainda que a vontade obedeça a uma outra vontade (Rancière, 2002, p. 31-32).

Infelizmente me deparei com situações que dificultam um pouco o trabalho do professor de ensino público em filosofia, como a falta de material necessário na escola para as aulas, o que me fez pensar em alternativas para contornar a situação, levando outros materiais e equipamentos para ministrar minhas aulas.

Agora, a tarefa (ensino) da Filosofia no Brasil ter-se-á que (re) inventar e (re) construir, à semelhança, aliás, do que aconteceu quer com a fundação histórica do Brasil quer com a implementação e o desenvolvimento de todo o seu sistema educativo. (CHAUI, 2000, p. 37)

Entretanto, pude ter a possibilidade e privilégio de tanto dentro da universidade quanto na escola me deparar com excelentes professores, detentores de grande conhecimento filosófico e ótimo uso de suas práticas pedagógicas, que me serviram de inspiração para me apossar, e reproduzir um pouco de seus conhecimentos bem como de seus modelos de prática pedagógica.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebi durante o período de estágio supervisionado, que é necessário ter uma relação cordial de respeito com os alunos e que o estágio contribui de maneira positiva para o ensino de filosofia bem como para a formação de professores e aquisição de sua prática pedagógica, pois é combinando a aquisição de conteúdos, a reflexão filosófica, a capacidade de leitura e interpretação de textos, e a compreensão de conceitos importantes para a filosofia e que o professor pode orientar os alunos no aprendizado de conceitos fundamentais para a filosofia.

Os estágios I, II e III, foram de fundamental importância para meu crescimento profissional e pessoal, tendo em vista que foi a partir dele que eu tive a possibilidade de pôr o aprendizado adquirido durante o curso de filosofia na UEPB em prática dentro da sala de aula, adquirindo assim experiência profissional e uma melhor preparação

para docência, bem como pude avaliar o comprometimento dos professores na formação de alunos.

Para se formar cidadãos através do ensino de filosofia será necessária certa obstinação do professor para que este possa fazer um trabalho exitoso com seus alunos, no tocante a formação intelecto/cidadã desses sujeitos. A interdisciplinaridade é necessária, como prevê inclusive a Resolução nº 03/98, acerca da importância dos conteúdos a serem ministrados de forma interdisciplinar no ensino médio, inclusive no que tange aos conhecimentos de Filosofia para o exercício da cidadania. (LIMA, 2005, p. 35).

Entendi que cabe ao professor saber explicar os conteúdos propostos aos alunos, para isso foi necessário durante minhas aulas trazer materiais de fora da escola para os alunos pois eles não recebem livro didático em quantidade suficiente para todos, fator que dificulta as aulas haja visto que eles recebem os livros durante a aula e ao término da mesma, eles devolvem os livros, o que nos faz perder um tempo da aula que já é curta. Outro fator importante que pude observar é a necessidade que o professor tem de criar métodos para atrair mais a atenção dos alunos, pois durante o estágio percebi que os alunos do primeiro ano, são mais jovens e conseqüentemente mais imaturos em sua maioria. O tempo de aula era mais curto em relação as outras turmas, pois a aula era na segunda-feira no último horário, com duração de apenas 30 minutos, sendo que ainda perdíamos 5 minutos do final da aula fazendo chamada dos alunos e recolhendo os livros. Notamos que os alunos ficavam impacientes para o término da aula e que se ao fazer a chamada no início da aula eles tentavam dar desculpas para sair mais cedo, por isso achei por bem deixar a chamada para o final da aula. Não pude fazer nenhuma avaliação dos alunos devido ao tempo em sala de aula e ao fato que já havia sido informado pelo professor da escola de que os alunos não faziam atividades em casa, pois eram muito preguiçosos e desinteressados para isso, e devido ao pouco tempo, acreditei que era melhor criar debates referentes ao conteúdo conforme eu ia ministrando as aulas. Na turma de Segundo ano, notei que a quantidade de alunos era bem menor em relação ao primeiro ano, os alunos eram relativamente mais tranquilos e participativos, tive a possibilidade de passar algumas atividades como resumos sobre o conteúdo ministrado em sala de aula, bem como fazer anotações no quadro e os alunos copiavam nos cadernos, faziam questionamentos pertinentes ao tema abordado, haviam algumas poucas e rápidas conversas paralelas, mas que rapidamente se dissipavam quando chamados atenção, sendo assim a maior parte das aulas era bem tranquila, havendo colaboração e respeito dos alunos para com os professores, possibilitando leituras acerca dos conteúdos trabalhados. Quanto ao terceiro ano, era a turma menor em questão de quantidade de alunos, entretanto mais calma e silenciosa, formadas por alunos em preparação para o Enem, empenhados em aprender, haja vista que a escola é na zona rural e que a maior parte dos alunos vão se afastando da escola para ajudar os pais e os alunos que permanecem em sala são alunos que estão empenhados em entrar numa universidade, gostam em sua maioria de debater assuntos da atualidade, principalmente políticos. Concluindo, com toda a vivência do estágio, que esta experiência foi de fundamental importância para minha formação, pois foi através do estágio que pude sair da minha cidade e da minha realidade para conhecer outras realidades, onde eu pude pôr em prática o que aprendi, bem como aprender com o professor supervisor na escola e com os alunos a adquirir minha própria prática pedagógica e a me desdobrar para contornar as dificuldades existentes tanto no ensino de filosofia quanto na própria questão do ensino público. Foi uma experiência

muito gratificante onde eu pude deixar o sonho de criança de ensinar as pessoas tornar-se realidade.

### REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: Meias confissões de aninha**. São Paulo: Global Editora, 1997.

LARROSA, J. Dar a palavra. **Notas para a dialógica para a transmissão**. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LIMA, M. A. C. **A prática de ensino de Filosofia num contexto de rees-estruturação capitalista: construção de uma experiência problematizadora com o ensino**. Belo Horizonte: PPGE – UFMG, 2005.

RANCIÈRE. Jaques. **O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lilian do Vale. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002.